



LIVRO DO
PROFESSOR

A casa que assoviava

Texto: **Marta Lagarta**

Ilustrações: **Angelo Abu**

- CATEGORIA 1: Obras Literárias do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental
- TEMA: Diversão e aventura / Família, amigos e escola
- GÊNERO LITERÁRIO: Conto

ELABORADO POR

Renata Amaral de Matos Rocha

Docente e pesquisadora do Núcleo de Letras, do Centro Pedagógico (CP) da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde tem estudos nos campos da literatura e educação antirracista, das narrativas de jovens e adultos (EJA) e das metodologias ativas no ensino de Língua Portuguesa.

Sumário

Carta ao(à) professor(a)	3
Parte 1: Contexto de trabalho pedagógico com a obra literária	5
O livro e a leitura literária	5
Um crosseio, ou melhor, um passeio pela obra	6
Sobre a autora	6
Sobre o ilustrador	7
O gênero conto	7
Temas “Diversão e aventura” e “Família, amigos e escola”	8
Avaliação do processo de leitura literária	9
Parte 2: Propostas de atividades	10
Proposta 1 A pré-leitura	10
Proposta 2 A leitura	12
Atividade 1: Literacia familiar	13
Atividade 2: Leitura dialogada em sala de aula	14
Proposta 3 A pós-leitura	15
Atividade 1: Experiência estética	17
Atividade 2: Para ampliar a compreensão de texto	17
Atividade 3: Diálogos e intervenções no mundo	23
Referências bibliográficas comentadas	25

Carta ao(à) professor(a)

Caro(a) educador(a),

Este material digital tem por finalidade auxiliá-lo(a) no importante processo de conduzir seus(suas) alunos(as) ao potente mundo dos textos literários, com o intuito de que os(as) educandos(as) trilhem um caminho significativo de leitura literária da obra *A casa que assoviava* – escrita por Marta Lagarta e ilustrada por Angelo Abu –, especialmente para os(as) estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, compartilhamos com você reflexões, elementos teóricos e sugestões práticas que têm relação com o trabalho de leitura literária, focalizando os anos iniciais do Ensino Fundamental, a fim de “fortalecer habilidades, atitudes, conhecimentos e vivências adequadas que consolidem um letramento literário que faça parte da vida dos sujeitos, para além de sua formação escolar” (PAIVA; PAULINO; PASSOS, 2006, p. 9).

Entendemos que a leitura literária “[...] tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade [...]: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”, de acordo com Nelly Novaes Coelho (2000, p. 15). Por isso, consideramos que a escola pode – e deve – se apropriar da leitura literária, em toda sua potência, articulando suas diversas funções à formação dos(as) estudantes. Todavia, como bem coloca Soares (2006, p. 47), temos que estar atentos e sermos contrários à “inadequada escolarização da literatura”:

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal do leitor que se quer formar, inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (SOARES, 2006, p. 47).

A escolarização da literatura é inevitável, pois essa prática está na base do ser escolar. Todavia, nós, professores(as), devemos ficar atentos(as) ao desenvolvimento de práticas de leitura literária mais adequadas, objetivando que nossos(as) alunos(as) desenvolvam a leitura e o gosto por ela.

Essas considerações estão em consonância com a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A PNA

“define alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético” (BRASIL, 2019a, p. 18) e compreende que “[...] a aprendizagem da leitura e da escrita não é natural nem espontânea. Não se aprende a ler como se aprende a falar. A leitura e a escrita precisam ser ensinadas de modo explícito e sistemático” (BRASIL, 2019a, p. 20). A BNCC, no âmbito das Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, prevê o envolvimento dos(as) estudantes

em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 87).

Neste contexto, procuramos delinear percursos significativos para a prática da leitura literária em sala de aula, mediadas pelo(a) professor(a), para desenvolver ações pedagógicas que abordem os componentes essenciais para a alfabetização – consciência fonêmica; instrução fônica sistemática; fluência em leitura oral; desenvolvimento de vocabulário; compreensão de textos e produção de escrita –, de acordo com a PNA (BRASIL, 2019a). Na esfera da compreensão de textos, buscamos sugerir ações docentes que tenham como base os processos de localizar e retirar informação explícita; fazer inferências diretas; interpretar e relacionar ideias e informações; e analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais, que estão na base da concepção de literacia de leitura (MULLIS *et al.*, 2017), o que também está em consonância com a PNA (BRASIL, 2019a) e a BNCC (BRASIL, 2018).

Esperamos que este material digital possa contribuir para que você, professor(a), desenvolva um processo de leitura literária significativo, no qual as famílias sejam grandes parceiras, os(as) estudantes sejam protagonistas nesta empreitada e que este momento de construção do saber não fique restrito à escola, mas que seja apropriado pelos(as) alunos(as) e que tenha impacto positivo em suas vidas e no mundo.

Boa leitura!

Parte 1: Contexto de trabalho pedagógico com a obra literária

Professor(a), nesta seção, compartilhamos com você alguns elementos para contextualizar um possível trabalho pedagógico com a obra literária *A casa que assoviava*, de Marta Lagarta, com seus(as) alunos(as).

■ O livro e a leitura literária

Somos leitores(as) viscerais. Aliado a isso, temos uma bagagem técnica de conhecimentos e um olhar humano sobre a educação. Esses atributos sustentam um de nossos principais papéis como professores(as): o de mediador(a) da leitura de nossos(as) alunos(as). Ao desempenhar essa função, no entanto, muitas são as dúvidas que podem surgir: que obra escolher? Que caminhos seguir?

Aguiar (2001, p. 152) sugere que o(a) educador(a) procure “prever temas e estratégias de trabalho que partam da realidade dos alunos” ao escolher uma obra literária para se trabalhar com sua turma. É importante também que se tenha em mente que a literatura é uma arte, que permite diversas interpretações que devem ser sustentadas pelo texto. Por isso, é essencial que o(a) professor(a) medeie todo o processo de leitura de seus(as) alunos(as), explorando com adequação os recursos que tornam literário o texto.

Em primeira instância, o leitor precisa estabelecer um pacto ficcional com o texto literário: “tudo é invenção, mas nos envolvemos como se fosse verdade. Vamos, além de entender o texto, admirá-lo, emocionando-nos e identificando-nos com o que nos traz, partilhando vivências das personagens, mesmo com indignação ou horror” (PAIVA; PAULINO; PASSOS, 2006, p. 59).

Assumindo esse pacto, que posiciona a leitura em uma dimensão imaginária, o texto literário pode tratar de qualquer tema e pode favorecer interações diversas no campo emocional (imaginação, desejos, medos, admirações), intelectual, informacional e das técnicas ligadas à alfabetização das crianças.

Nessa perspectiva, convidamos você, professor(a), a ler o livro *A casa que assoviava*, de Marta Lagarta, e a reconhecer nele a sua turma. O livro é inspirado no conto popular russo *Tepemok* e traz uma história divertida e cheia de surpresas, estimulando a imaginação e a inventividade das crianças, em especial das que cursam do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

■ Um crosseio, ou melhor, um passeio pela obra

Em *A casa que assoviava*, entramos em uma narrativa fabulosa, divertida e cheia de surpresas. A Casa – ou melhor: a Croscasa – é feita de troncos de árvore e tem dois telhados de palha. A Croscasa morava bem longe. Isso mesmo! A Croscasa é uma das personagens. Com alguns assovios, ela convida todos os animais que passam em seu entorno para morar com ela/nela. Assim, acabou se tornando o lar de muitos bichos diferentes.

Um dia, um elefante muito solitário, ensimesmado e que não gostava de andar com a manada avistou a Casinha e tudo ficou diferente. Como outros, foi convidado para morar na Croscasa. Ele demorou algum tempo para se decidir, mas aceitou o convite. Entretanto, como um animal tão grande poderia entrar na casa? O Elefante Croscante enfiou a tromba por debaixo da Casa e forçou, forçou até arrebentá-la. Madeira e palha voaram para todos os lados! E todos ficaram muito assustados.

Rapidamente, os superamigos superaram os estragos e, juntos, reconstruíram a Casa, que ficou muito melhor e maior que a antiga. E é nela, e com ela, que todos moram até hoje.

■ Sobre a autora

A autora de *A casa que assoviava* nasceu no Rio de Janeiro, em 1958. Todos a conhecem pelo nome de **Marta Lagarta**; os mais próximos também costumam chamá-la de Martinha, Martita, mas seu nome de registro é Marta Irene. Ela conta que o papel foi seu berço e o livro, sua morada desde muito cedo. Aos 8 anos de idade, ela escreveu seu primeiro poema e nunca mais parou. A autora conta que escrever é, para ela, brincar com as palavras. Já escreveu para cinema, rádio, revista, guardanapo de papel, papel de pão, jornais, revistas e televisão.

Marta relata que já morou em muitas casas. Uma das primeiras foi o cinema, seguido do teatro e da sala de aula. Depois passou uma longa temporada nas casas-eventos aos quatro cantos por aí. Acabou se mudando de mala e cuia para o circo, de onde fugiu para fazer um programa de rádio, na Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, onde ela nasceu. Também morou por um bom tempo em folha de revista e de árvore, fazendo jus à origem mineira de sua família. Todas essas casas, certamente, serviram de inspiração para a autora escrever *A casa que assoviava*, que agora você tem em mãos.

■ Sobre o ilustrador

As ilustrações da obra são de **Angelo Abu**. Ele é mineiro, de Belo Horizonte, nascido em 1974. Abu conta que sua casa é a sua mochila, porque cada hora ele está em um lugar diferente. Atualmente, está em Sarajevo, capital da Bósnia e Herzegovina. O artista começou a ilustrar em 1995 e diz que cada história pede um estilo e uma técnica. Segundo ele, quando leu o texto da casa assoviante, logo achou que combinaria bastante com recortes montados com muitos papéis coloridos. Mas isso não o impediu de imaginar também como seria se tivesse ilustrado a lápis, nanquim, aquarela ou pastel, por exemplo. Nesse jogo imaginativo, Abu vai imaginando formas e cores para tantas histórias que chegam até ele, vai planando de livro em livro, pousando de galho em galho, ao sabor dos mais variados tipos de vento.

■ O gênero conto

Os textos estão ligados às nossas práticas comunicativas. Esse é o ponto-chave. Todavia, são estudados e muitos de nós teorizamos sobre eles, em busca de compreendermos melhor esta façanha dos seres humanos por meio das linguagens e dos textos: que é a interação. A categorização dos gêneros é uma dessas abordagens teóricas sobre os textos. Neste âmbito, os gêneros textuais estão relacionados às práticas comunicativas e podem ser caracterizados em função de seus elementos textuais estáveis em relação ao seu contexto de uso pelos sujeitos. Os gêneros literários, por sua vez, focalizam apenas os textos do domínio da literatura, levando em conta: características formais comuns em obras literárias, critérios estruturais, contextuais e semânticos. Os gêneros literários exemplares são o gênero lírico, o épico ou narrativo e o dramático.

Cândida Vilares Gancho, com base na definição clássica de Aristóteles, entende que “os gêneros literários podem ser identificados segundo a forma e o conteúdo” (2006, p. 7), ou seja, são grupos de textos com características semelhantes que nos fazem entender sua forma a partir de uma “expectativa discursiva”. Eles são históricos, mas não fixos, portanto, Ligia Cademartori destaca que “uma narrativa contemporânea pode acolher elementos de diferentes gêneros” ([s. d.], p. 7).

O conto é um gênero textual. Está ligado ao domínio da literatura e, neste campo, pode ser considerado do gênero narrativo ou épico. É um texto marcado pela concisão, ou seja, comumente, apresenta uma narrativa curta que envolve apenas um conflito, marcado por um momento de grande tensão,

a que chamamos de clímax. Além disso, embora não seja uma regra, é comum que o conto apresente poucos personagens; espaço ou cenário limitado; recorte temporal reduzido. Sua narrativa tende a ser desenvolvida em três etapas e explora alguns elementos para construção da parte de maior intensidade na história. Desse modo, o conto costuma ser organizado da seguinte forma: (1). **Introdução**, com apresentação da situação inicial, dos personagens, espaço e tempo que ambientam a narrativa, e o acontecimento, que será desenvolvido ao longo do texto; (2). **Desenvolvimento**, que traz a revelação e os desdobramentos da situação-problema a ser resolvida, por meio da fala do narrador e/ou de diálogos entre os personagens; (3). **Desfecho**, finalização da história, que pode trazer a solução do problema ou não. Gancho (2006) ratifica essas considerações ao definir o conto como “uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens” (p. 9). É um gênero recomendado para o trabalho com crianças, pois sua extensão favorece o tratamento do enredo, sem causar desatenção ou cansaço.

Em *A casa que assoviava*, temos um interessante texto narrativo, materializado como conto. Ao ler esse texto, certamente, a criança entrará num mundo imaginativo surpreendente, de muita diversão e aventura. Também poderá ser levada a refletir sobre acolhimento e aceitação do outro, de modo encantador, sem ser moralizante.

■ Temas “Diversão e aventura” e “Família, amigos e escola”

O tema “Diversão e aventura” traz possibilidades diversas para o trabalho com a literatura e a linguagem. Tal assunto se torna de primordial importância para o trabalho pedagógico, em particular, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, quando a capacidade de fabular está especialmente ativada. É Vygotsky quem afirma: “notamos facilmente que os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na tenra infância” (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

Ligia Cademartori relembra, a propósito das histórias infantis, que um

pedaço de madeira é capaz de disparar raios. A colcha da cama vira manto de princesa. O carro minúsculo pode percorrer todas as estradas do mundo. Ao brincar, o pensamento da criança desprende-se dos objetos e a ação que ela interpreta depende mais de suas ideias do que das coisas com que brinca ([s. d.], p. 3)

A autora chama atenção para o modo como a literatura estimula a imaginação e possibilita à criança organizar sentimentos, pensamentos, bem como a própria realidade na qual está imersa. O livro *A casa que assoviava*, ao contar a história de convivência de diferentes animais, permite à criança emular o próprio entorno social e compreender as diversas relações que se estabelecem entre as pessoas. Além disso, permite ultrapassar a realidade cotidiana, despertando a imaginação e o encantamento pela leitura. A inventividade linguística está presente na história, sendo instrumento para avivar também o interesse global pela linguagem.

■ Avaliação do processo de leitura literária

Professor(a), no processo de leitura, é muito importante acompanhar e observar o desenvolvimento de cada estudante e do grupo como um todo, tanto em relação à compreensão da narrativa quanto em relação às aprendizagens das crianças, a partir dela. Para tanto, o diálogo afetivo entre professor(a) e aluno(a) é sempre uma boa escolha, bem como a ressignificação da palavra “erro” como um estágio do acerto. Essa proposta contínua e dialógica de avaliação, que ilumina o processo de aprendizagens dos(as) estudantes, do qual eles(as) são agentes, é chamada de avaliação formativa, e que aqui indicamos como uma boa abordagem avaliativa. As rodas de conversa, a construção de portfólio, a promoção da autoavaliação, revisão e reelaboração de pensamentos e condutas podem ser instrumentos valiosos para o desenvolvimento deste tipo de avaliação.

Destacamos que o texto literário é uma obra aberta e passível de muitas interpretações, embora não seja escancarada, como assegura Eco (2000), o que significa que podem ser feitas interpretações diferentes, desde que sejam sustentadas pelo texto e não deturpem a história. Por isso, neste material digital de apoio ao(a) professor(a), não apresentamos respostas para as questões. Consideramos que as respostas podem ser construídas, avaliadas, aceitas ou não aceitas por meio de discussão com e entre os(as) estudantes, sob mediação do(a) professor(a).

Na interação com o texto literário, alcançar a dimensão estética é fundamental. Por isso, a avaliação de leitura não deve ser centrada apenas na técnica de pergunta-resposta, na fluência em leitura, na forma do texto, mas, sim, na construção de sentidos e nos impactos desta leitura na vida do(a) leitor(a).

Parte 2: Propostas de atividades

PROPOSTA 1 | A pré-leitura

BNCC

Língua Portuguesa

Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

Oralidade

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.



Capa



Contracapa

Professor(a), as atividades de pré-leitura criam um ambiente muito favorável para a leitura da obra, pois estimulam a ativação de conhecimentos, favorecem o levantamento de hipóteses e instigam os alunos a conhecerem a trama.

Neste momento, é oportuno propor a realização de uma roda de conversa com a turma, a fim de apresentar aos(às) estudantes a obra *A casa que assoviava*, de Marta Lagarta, e para que possam começar a explorar esta obra literária. Se cada estudante estiver com a obra física em mãos, este momento será ainda mais significativo.

As **interações verbais** são estratégias e atitudes que favorecem o diálogo entre adultos e crianças, a fim de criar e aproveitar situações cotidianas para promover conversas que estimulem o desenvolvimento linguístico dos(as) estudantes. Qualificar o diálogo diário, por exemplo, significa introduzir palavras novas, oferecer explicações úteis, transmitir informações importantes e modelar a fala da criança para ensiná-la a se expressar com mais desenvoltura e clareza. Todavia, essas práticas precisam acontecer de forma fluida e natural, com base na PNA (BRASIL, 2019b).

“**Literacia** é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento” (MORAIS, 2014 *apud* BRASIL, 2019a, p. 21).

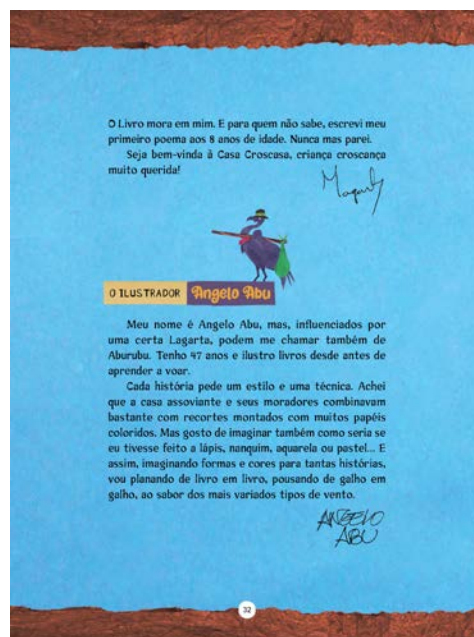
Então, conduza a turma a explorar cada uma das partes do livro: capa, folha de rosto, contracapa, título, cores, ilustrações, epígrafe, sinopse, pois todos esses são elementos que contribuem muito para motivar os(as) alunos(as) à leitura. Aqui, vamos abordar três desses elementos:

No curso desta apresentação, você pode estimular os(as) alunos e dizer a eles(as) que, com este livro, vão conviver de modo incrível com diversos animais, numa casa muito especial. Neste contexto, você, professor(a), pode estabelecer **interações verbais** que ativem os conhecimentos prévios dos(as) estudantes, que despertem a imaginação deles(as) e a criação de hipóteses sobre a obra, explorando conhecimentos de **literacia**:

- Qual será o tema da narrativa, com base no título do livro e nas ilustrações externas?
- Como é possível uma casa assoviar?
- Que parte da casa parece assoviar, com base na imagem da capa?
- Para quem será que a casa assovia?
- Por que será que a casa assovia?
- Quais personagens podemos identificar pela capa?
- O que a sinopse da obra nos antecipa sobre a história?
- Quem sabe assoviar?
- Quem já viu alguma casa assoviante?



Página 31



Página 32

Para enriquecer este momento, é oportuno apresentar a autora Marta Lagarta e o ilustrador Angelo Abu para sua turma. Para tanto, você pode explorar as informações apresentadas no início deste material, os textos das páginas 31 e 32 do livro literário e até visitar as redes sociais deles com seus(as) alunos(as), para que possam ver fotos, vídeos e publicações dos autores e até lhes enviar mensagens, contando sobre essa experiência de leitura de *A casa que assoviava*.

Para encerrar essa conversa produtiva com sua turma, é ideal fazer um registro coletivo sobre as hipóteses levantadas e os pontos marcantes desse primeiro contato com a obra. Esse registro pode ser usado para contraste com a narrativa depois de lida.

■ PROPOSTA 2 | A leitura

BNCC

Língua Portuguesa

Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

Oralidade

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

Depois deste momento de pré-leitura, sugerimos que a obra *A casa que assoviava*, de Marta Lagarta, seja lida integralmente pelos(as) estudantes.

Esta leitura pode ser realizada em diferentes contextos (em sala de aula e em casa) e modos (leitura dialogada, leitura compartilhada e leitura silenciosa), a depender dos objetivos da leitura. Nesta abordagem que vimos construindo, estes podem ser os objetivos iniciais da leitura de *A casa que assoviava*:

- Ler integralmente o livro para conhecer abordagens temáticas e estéticas em textos literários, em busca do prazer de ler.
- Ler para construir uma compreensão global do texto.

Em todas essas situações, a mediação do(a) professor(a) continua sendo fundamental e inclui: orientação aos(as) estudantes e às famílias, e manutenção do interesse dos(as) alunos(as) pela leitura.

ATIVIDADE 1: LITERACIA FAMILIAR

Os(As) estudantes podem levar a obra para casa, a fim de ler em família, de compartilhar impressões sobre a história com os seus responsáveis, que é uma das principais práticas de **literacia familiar**. Essa ação torna o livro um objeto ainda mais interessante para as crianças, na medida em que podem compartilhar suas descobertas com aqueles que lhes são tão queridos; contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura; favorece o contato qualificado entre crianças e adultos, impactando positivamente a formação das crianças.

Entendemos que fomentar as práticas de literacia familiar é uma forma de a escola ajudar as famílias a inserirem essas práticas em suas rotinas com as crianças, pois há evidências científicas de que os desdobramentos destas ações são muito positivos na e para formação delas.

O que é literacia familiar?

O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal. Esse conjunto de práticas e experiências recebe o nome de **literacia familiar** (WASIK, 2004; SÉNÉCHAL, 2008 *apud* BRASIL, 2019a, p. 23, grifo do original).

As práticas de literacia familiar devem ser incorporadas ao cotidiano das famílias. O(a) professor(a) pode orientar as famílias a realizarem

leitura dialogada de histórias ou leitura em voz alta feita pelo adulto para a criança, por exemplo.

Para melhor compreensão das práticas de Literacia Familiar, indicamos este vídeo do programa Conta pra mim, disponível no canal do Ministério da Educação, uma das ações propostas na PNA (BRASIL, 2019b) e que está de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), que pode ser socializado com as famílias: <https://bit.ly/3c8uETu> (acesso em: 7 dez. 2021).

ATIVIDADE 2: LEITURA DIALOGADA EM SALA DE AULA

Sugerimos que a obra seja lida, também, em sala de aula, sob mediação do(a) professor(a). Por isso, propomos a realização de uma roda de leitura, a fim de reler a obra *A casa que assoviava*, colaborativamente, com sua turma, usando a estratégia de **leitura dialogada**. É uma espécie de leitura bate-papo, em que todos têm espaço para ler e conversar sobre suas impressões sobre a obra. Durante esta leitura, você, professor(a), pode promover interações verbais, explorando a narrativa, o projeto gráfico, os elementos da ilustração, o vocabulário, a temática da história, os elementos intertextuais, focalizando os processos de localizar e retirar informações explícitas; fazer inferências diretas; interpretar e relacionar ideias e informações; e analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais, que estão na base da concepção de literacia de leitura.

Estas são algumas das interações verbais que podem ser feitas durante a leitura dialogada de *A casa que assoviava*:

- Quem são os personagens da narrativa?
- Onde a história se passa?
- De onde sai o assovio da casa, com base na ilustração da capa?
- Por que a casinha se chama Casa Croscasa? (p. 4)
- Qual será a hora certa em que a casa assovia? (p. 4)
- Por que o “Sol bocejava de sono”? (p. 8)
- O que significa cada tipo de assovio da casinha? (p. 6, 8, 12, 16, 20, 28)
- Qual é a motivação do segundo nome de cada personagem? (p. 27)
- Quais são as diferenças entre a casa inicial e a casa reconstruída? (p. 6 e 28-29)

A leitura dialogada

“consiste na **conversa** entre adultos e crianças antes, durante e depois da **leitura em voz alta**.

A essência da Leitura Dialogada é que adultos e crianças, quando praticarem a leitura em voz alta, interajam por meio de perguntas e respostas. Leitura Dialogada não é o adulto somente lendo em voz alta e a criança apenas escutando! É uma **leitura em bate-papo**! A criança tem um papel ativo na Leitura Dialogada” (BRASIL, 2019b, p. 35, grifos do original).

- A quem se destina o assobio da página 28?
- A quem se destinam as perguntas “Escutou? Você vai?”? (p. 28)
- Como você reagiria ao estrago da casa, causado pelo Elefante Croscante, se você fosse um dos personagens? Por quê? (p. 22 e 23)
- Como você avalia a reação dos personagens ao estrago da casa causado pelo Elefante Croscante? (interpretação global)

O importante é adotar atitudes que tornem o processo de leitura mais prazeroso e imaginativo.

■ PROPOSTA 3 | A pós-leitura

BNCC

Língua Portuguesa

Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF02LP12) Ler e compreender com certa autonomia cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcio-

nais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

Oralidade

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF02LP15) Cantar cantigas e canções, obedecendo ao ritmo e à melodia.

Análise linguística/semiótica (Alfabetização)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.

Arte

Artes visuais

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Dança

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.

Música

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

História

Mundo pessoal: eu, meu grupo social e meu tempo

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EF01HI08) Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.

Professor(a), depois da leitura de *A casa que assoviava*, é fundamental que os(as) estudantes sejam conduzidos(as) por você, em sala de aula, a compreenderem ainda mais a obra e a realizarem ações que contribuam para maior fruição do texto lido e de intervenções no mundo.

ATIVIDADE 1: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Após a leitura da obra, propomos lançar luz sobre a experiência estética resultante do efetivo contato entre o(a) estudante-leitor(a) e a obra literária. Quando se trata de textos literários, isso é fundamental!

As rodas de conversas são ideais para esta ação, a fim de que os(as) alunos(as) e também o(a) professor(a) (por que não?) possam compartilhar percepções e reações suscitadas pela criação literária, como sentimentos e emoções.

Estas interações verbais podem ser os gatilhos desta conversa:

- O que mais chamou a atenção de vocês na história?
- Que sentimentos e emoções este conto despertou em vocês?
- Com qual personagem vocês mais se identificaram? Por quê?
- Que situação você achou mais divertida?
- Que aspecto da relação entre os personagens pode servir de inspiração para nossas relações interpessoais?
- Qual é a sua resposta para as perguntas da lagarta: “Escutou? Você vai?”? (p. 28)

Este é um momento importante de formação do leitor literário, pois oportuniza estreitar os laços entre leitor(a) e texto por meio da conversa o mais espontânea possível sobre as percepções e reações suscitadas pela criação literária, em seus leitores, no momento da leitura.

ATIVIDADE 2: PARA AMPLIAR A COMPREENSÃO DE TEXTO

Professor(a), neste momento, entendemos ser importante que você conduza a turma a perceber como a narrativa se constitui e como seus diversos elementos são geradores de sentidos para o texto, com base em alguns elementos, como estes:

Foco narrativo

Professor(a), cabe, nesse momento, caso a turma ainda não esteja familiarizada com o conceito de narrador, introduzir a ideia de que a história é sempre contada por alguém. Esse alguém pode ser personagem ou observador ou um misto dos dois, a depender do texto.

No caso de *A casa que assoviava* temos uma narrativa moderna, que apresenta foco narrativo misto. Das páginas 4 a 26, temos uma narração em terceira pessoa. A partir da página 27, a narração passa a ser feita em primeira pessoa, momento em que o narrador se inclui na narrativa como personagem, por meio da palavra “eu”, juntando-se aos demais personagens.

Outra característica marcante do narrador deste conto é sua interlocução direta com o(a) leitor(a) por meio de diversas perguntas retóricas. A última delas, então, é muito propositiva, pois o narrador pergunta ao(à) leitor(a) se ele(a) aceitará o convite da casa e se virá morar junto com eles, o que possibilita muitos desdobramentos com os(as) alunos(as).

Nesse contexto, ambos os focos narrativos precisam ser explorados com a turma por meio de trechos da própria narrativa. A comparação entre o trecho inicial da narrativa, em 3ª pessoa (p. 4), e o trecho em que o narrador passa a ser personagem (p. 27 e 28) pode favorecer a compreensão deste foco narrativo misto.

TRECHO 1

“Longe, bem longe, lá looonge... morava uma casa. A Casa Croscasa. Toda feita de troncos de árvore. Toda, não: os telhados eram de palha. Os telhados?

Sim, eram dois telhados. O de baixo e o do quartinho de cima, parecendo uma torre, onde ficava a chaminé. Chaminé que sempre assoviava na hora certa.” (p. 4)

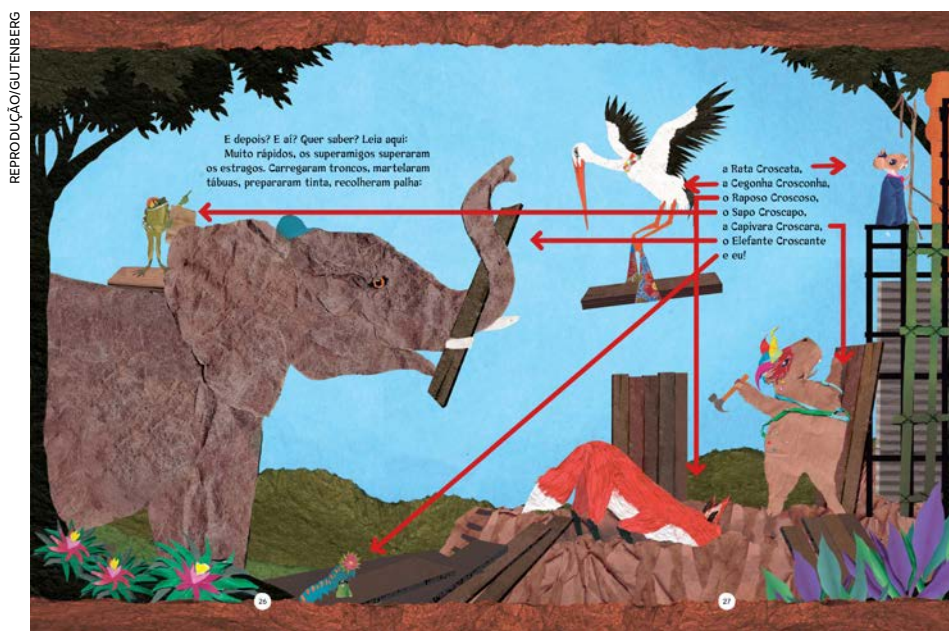
- Que personagem aparece nesse trecho do conto?
- Esse personagem está contando sua própria história?
- Quem pode estar contando a história da casinha?
- Quem narra a história está participando dela nesse trecho?
- Como esse trecho poderia ser reescrito para que a Casa Croscasa contasse a própria história?

TRECHO 2

“A Rata Croscata, a Cegonha Crosconha, o Raposo Croscoso, o Sapo Croscapo, a Capivara Croscara, o Elefante Croscante e eu! Todos juntos reconstruímos a Casa.” (p. 27 e 28)

- A que personagem a palavra “eu” faz referência?
- Quem está incluso na tarefa indicada neste trecho: “Todos juntos reconstruímos a Casa”?
- Como o narrador passou a fazer parte da história?
- Como esse trecho poderia ser reescrito para manter o foco narrativo em terceira pessoa?

Professor(a), neste momento, releia as páginas 26 a 28 para a turma, em voz alta, dialogicamente. Se possível, projete a imagem dessas páginas, pois as ilustrações, que são textos não verbais, são importantes para compreensão do contexto. Então, solicite que os(as) educandos(as) indiquem o animal a que cada nome faz referência:



Páginas 26 e 27

Diante da resposta à pergunta “A que personagem a palavra ‘eu’ faz referência?”, temos a expectativa de que os(as) alunos(as) relacionem a palavra “eu” à lagarta e que percebam que ela é a narradora e também personagem da trama, que tem foco narrativo misto. Em seguida, provoque os(as) alunos(as)

exibindo a página 31, seguida dessas indagações:

1. Quem é a autora de *A casa que assoviava*?
2. Qual é a relação entre a autora e a narradora?



Página 31

Esse exercício dialógico e reflexivo pode contribuir significativamente para que os(as) educandos(as) reforcem a compreensão sobre o foco narrativo de *A casa que assoviava*.

Personagens

O conto *A casa que assoviava* gira em torno da personagem Casa Croscasa (p. 4). Ela é uma casa animada, que mora muito longe. É feita de troncos de árvore e tem telhado de palha, em seus dois andares. A Croscasa tem uma chaminé falante, na verdade, assoviante, que participa de toda a trama. No desenrolar da história, os outros personagens vão aparecendo: a Rata Croscata, enfeitada com um laço de fita no rabinho (p. 6); a Cegonha Crosconha, nascida e criada com uma asa menor que a outra (p. 8); o Raposo Croscoso, de pelo quase vermelho, e seu amigo sapo, o Croscapo (p. 12); a capivara mascarada, baita foliã (p. 14-16); o solitário Elefante Croscante, que não gostava de andar com a manada (p. 18-20); e a lagarta, ilustrada na página 28.

Neste momento de identificação dos personagens, vale destacar suas características físicas, emocionais, psicológicas, que são muito importantes para compreensão do papel de cada um deles na trama. Estas interações podem favorecer a compreensão do perfil e papel de cada personagem na narrativa:

- Quem são os personagens desta narrativa?
- Quem é personagem mais alegre?
- Como cada um deles se configura?
- Que papel exercem nesta história?

- Como cada um reage à chegada do outro?
- Como cada um reagiu à destruição da casa?
- Como descobrimos que a lagarta é uma personagem e também narradora da história?
- Qual é a motivação para o segundo nome de cada personagem?

Professor(a), além dessas interações verbais, sugerimos retomar os nomes dos personagens, a fim de promover uma reflexão linguística, no âmbito da formação de palavras, em diálogo com o(a) professor(a) de Inglês:

Casa	Croscasa
Rata	Croscata
Cegonha	Crosconha
Raposo	Croscoso
Sapo	Croscapo
Capivara	Croscara
Elefante	Croscante
Lagarta	Croscarta

A partir da análise da formação dos sobrenomes dos personagens, você, professor(a), pode conduzir os(as) estudantes a perceberem elementos como: prefixação, uso do *crosc-*; formação de uma nova palavra por meio da combinação de partes de outras (prefixo: *crosc-*; e sufixo: *-asa*, *-ata*, *-onha*, *-oso*, *-apo*, *-ara*, *-ante*, *-arta*, parte final do nome de cada animal).

Na sequência, o(a) professor(a) de Inglês pode conduzir os(as) alunos(as) a perceberem que a autora pode ter se inspirado na palavra *cross*, em Inglês, que significa, entre outras coisas, cruzar, atravessar – que é o que faziam os personagens, cruzando, atravessando o espaço, fazendo uma travessia, e que assim se dão os encontros pela vida; e que o C de *crosc-* pode ser uma alusão à composição familiar instituída pelos animais, a partir do momento em que passaram a viver juntos. Assim, o C pode indicar o laço familiar de todos com a casa, como acontece com os nossos sobrenomes, que herdamos de nossos pais.

Tempo

Como ensejo para discussão sobre a construção do tempo da narrativa, sugerimos a leitura e análise de alguns trechos escritos e de algumas ilustrações

do livro, seguidas de algumas interações verbais para estimular a discussão e análise:

Trechos do livro:	Interações verbais:
Ilustração das páginas 4 e 5, com o Sol se pondo.	Que momento do dia está representado nesta imagem, quando a história se inicia?
“Entardecia. O Sol bocejava de sono, e a Lua, acordando, escovava os dentes” e a ilustração do céu, com tom azul bem escuro. (p. 8)	Que momento do dia é esse?
“Pronto. Escureceu. Todo mundo dormindo” e a ilustração do céu escuro com luar. (p. 10)	Que momento do dia é esse?
“Espera só mais três pouquinhos.” (p. 10)	Quanto tempo pode ser expresso por meio dessa passagem?
“Eba, acordaram! Céu claro, Sol manso... Brilhavam as cores do campo” e ilustração do céu azul claro. (p. 12)	Que momento do dia é este? De qual dia?
“Já no outro, outro dia...” e a ilustração do céu azul claro. (p. 14)	Quanto tempo se passou? Por que a palavra “outro” foi repetida? Qual é a relação dela com a passagem de tempo?
“E depois?” (p. 26)	Quanto tempo pode ter se passado?

Por meio deles, você, professor(a), pode explorar a passagem do tempo na narrativa, que tem marcas que indicam o final da tarde de um dia até a manhã/tarde de alguns poucos dias após a reconstrução da casa, pois os amigos foram muito rápidos na reconstrução. Essa construção temporal está em consonância com a temporalidade comum de um conto, de tempo curto. Ao final desta abordagem, a expectativa é a de que os educandos consigam responder a esta pergunta: “Quanto tempo se passou na história *A casa que assoviava?*”.

Espaço

Por fim, é relevante atentar para a configuração do espaço da narrativa. *A casa que assoviava* é ambientada em uma casa animada que morava “longe, bem longe, lá looonge...” (p. 4), no coração de uma floresta, como indicam as ilustrações no decorrer de toda a narrativa. Neste momento de reconhecimento do espaço, é oportuno conduzir os(as) estudantes a perceberem os elementos não verbais que configuram a floresta (diversidade de plantas e animais, longe

da área urbana) e que compõem a casa (formato, materiais, cômodos), com destaque para a chaminé assoviante e para a comparação da casa antiga (p. 5) com a nova (p. 28 e 29), por meio destas interações verbais:

- Onde a trama se passa?
- Que elementos caracterizam cada espaço?
- Que espaço é também um personagem?
- O que faz desse elemento um espaço e, ao mesmo tempo, um personagem?

ATIVIDADE 3: DIÁLOGOS E INTERVENÇÕES NO MUNDO

“Para estabelecer o diálogo do texto com outros textos, é importante, ao mesmo tempo, respeitar e ampliar o repertório de leituras dos alunos. Os textos em diálogo podem ser literários ou não, podem ter outras linguagens, como filmes, histórias em quadrinho, fotografias etc”, como bem colocam Aparecida Paiva, Graça Paulino e Marta Passos (2006, p. 35). Então, sugerimos que você, professor(a), conduza os(as) estudantes a perceberem que o texto de Marta Lagarta dialoga diretamente com dois outros textos:

Conto popular russo *Tepemok*

A casa que assoviava foi inspirada no conto popular russo intitulado *Tepemok*, pronuncia-se “teremóc”. Essa palavra é usada para designar um tipo de cabana pequena, de dois andares, construída fora das áreas urbanas. Essa casinha é a protagonista e também um dos espaços onde a história se passa. No vídeo “Teremok Russian Tale”, disponível no canal Russian Crafts (disponível em: <https://bit.ly/304bJXn>. Acesso em: 7 dez. 2021), temos outra releitura do conto *Tepemok*. Sugerimos que você exiba o vídeo para sua turma e promova uma discussão sobre os variados diálogos que podem haver entre os textos.

ACESSE:



Marcha carnavalesca “Ó Abre Alas”, composta em 1899 pela musicista brasileira Chiquinha Gonzaga.

Ó Abre Alas

Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar

Eu sou da Lira
Não posso negar
Eu sou da Lira
Não posso negar

Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar

Rosa de Ouro
É que vai ganhar
Rosa de Ouro
É que vai ganhar.

Disponível em: <https://bit.ly/3IHJK7s>. Acesso em: 7 dez. 2021.

ACESSE:



Podemos ainda apreciar a famosa marchinha “Ó Abre Alas”, interpretada pelas musicistas Jujuba e Ana Nogueira, junto com o Grupo Samba Lelê, num bailinho muito divertido. O vídeo está disponível no canal TV Brasil, no YouTube: <https://bit.ly/3DrD9UQ> (acesso em: 7 dez. 2021).

Professor(a), a partir desses materiais você pode trabalhar a letra da canção e seu contexto, os gêneros textuais música e poema, a história de Chiquinha Gonzaga e do carnaval no Brasil, estabelecendo elos com a obra *A casa que assoviava*, por meio da personagem Capivara Croscara, que é uma “baita foliã” (p. 16) e cantarola uma paródia de “Ó Abre Alas”. Também seria muito oportuno realizar um bailinho de carnaval, caso o trabalho com a obra esteja sendo feito no início do ano letivo, coincidindo, portanto, com a época do Carnaval em nosso país, ou até mesmo um bailinho de carnaval extemporâneo para as crianças se divertirem com as marchinhas, na escola. Essa abordagem pode se desdobrar em um potente trabalho interdisciplinar.

Empatia

A casa que assoviava é um texto muito rico que oportuniza, também, o trabalho com questões humanistas e humanitárias, de modo interdisciplinar. Temas como “acolhimento”, “respeito à diversidade”, “direito à moradia” e “migração” podem ser trabalhados por meio do texto de Marta Lagarta, que oportuniza a compreensão desses temas de modo poético, sensível e muito profundo.

Nesta perspectiva, propomos a abordagem de uma competência correlata a todos esses temas e que constitui uma das dez Competências Gerais da Educação Básica definidas na BNCC, a empatia:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Para abordar esses temas complexos, indicamos uma visita virtual com seus(suas) alunos(as) ao site Empatia on-line, uma transposição para o meio virtual da instalação sensorial “Caminhando em seus sapatos...”, do Museu da Empatia, realizada pelo Intermuseus, disponível em: <https://bit.ly/3Eyb4wh> (acesso em: 7 dez. 2021).



O Museu da Empatia é um espaço interativo e de experiências dedicado a desenvolver a capacidade humana de olhar o mundo pelos olhos de outras pessoas, ou seja, a empatia, que tem potencial de transformar nossas relações interpessoais, inspirar mudanças de atitude e contribuir para o enfrentamento de desafios globais, como preconceito, conflitos e desigualdade.

Depois desta visita, professores(as) e estudantes podem fazer uma releitura desta mostra e recriá-la na escola, para fruição de toda a comunidade escolar. Certamente, a criação e a promoção dessa exposição será um momento ímpar de aprendizado.

Referências bibliográficas comentadas

Professor(a), nesta seção apresentamos as referências mobilizadas para a elaboração deste material, acrescidas de comentários a respeito de cada título.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

O texto de Vera Teixeira Aguiar apresenta um panorama do quadro da leitura e, sobretudo, da leitura literária na história do Brasil. Em seguida, aborda os diferentes perfis de leitores, indicando elementos concretos para fomentar o interesse pelos livros.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3qLC9FB>. Acesso em: 25 out. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os(as) alunos(as) devem desenvolver ao longo das etapas e das modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra Mim: guia de literacia familiar*. Brasília: MEC, SEALF, 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/3C5Xezl>. Acesso em: 7 out. 2021.

O programa Conta pra Mim é uma das ações apontadas pela Política Nacional de Alfabetização (PNA). Lançado pelo Ministério da Educação, o Programa tem como objetivo a ampla promoção da Literacia Familiar.

BRASIL. *Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/SEALF/Secretaria de Alfabetização, 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/3hIUd1k>. Acesso em: 25 out. 2021.

A Política Nacional de Alfabetização busca ser uma complementação à Base Nacional Comum Curricular. Por isso, especifica as metodologias de ensino próprias dessa fase escolar, assentadas no uso de evidências científicas.

CADEMARTORI, Ligia. *Para pensar a narrativa infantil: roteiros para a leitura literária*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, [s. d.]. Disponível em: <https://bit.ly/3o9kql0>. Acesso em: 23 de out. 2021.

Nesse material instrucional, a professora Ligia Cademartori discute aspectos importantes para entender a narrativa infantil, como a fabulação, a relação das crianças com as histórias, os elementos da narrativa, entre outros pontos fundamentais para um trabalho significativo com os livros para crianças.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil brasileira: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

Nelly Novaes Coelho aborda um tema muito relevante em seu livro, já expresso no título, *Literatura infantil brasileira*. Na obra, a autora discorre sobre práticas

pedagógicas envolvendo professores(as) e estudantes, construindo a noção de importância da leitura. Nesta perspectiva, a autora explica que a leitura inteligente esclarece e enriquece o espírito e não depende apenas da aquisição do mecanismo da leitura em si, mas de toda uma educação preparatória.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Neste livro, Umberto Eco aborda problemas fundamentais em torno de algumas artes, como a música e a literatura. Além disso, destaca aspectos gerais da informação e da comunicação através do cinema e da televisão.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

Cândida Vilares Gancho expõe os principais elementos das narrativas e como compreendê-los para a análise de histórias. É um manual útil para o(a) professor(a) de Língua Portuguesa, na medida em que, de forma clara, trabalha conceitos e especificidades do narrativo.

MULLIS, I. V. S. et al. *PIRLS 2016: International Results in Reading*. Chestnut Hill: TIMSS & PIRLS International Study Center; Lynch School of Education; Boston College; International Association for the Evaluation of Educational Achievement, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3klGzle>. Acesso em: 10 nov. 2021.

O Estudo de Progresso Internacional de Alfabetização em Leitura (PIRLS) foi lançado em 2001. Pode ser considerado uma continuação do Estudo de Alfabetização em Leitura de 1991 da Associação Internacional para a Avaliação do Desempenho Educacional (International Association for the Evaluation of Educational Achievement – IEA). O PIRLS é realizado a cada cinco anos e tem o objetivo de avaliar o desempenho em leitura de jovens alunos no quarto ano de escolaridade. O quarto ano de escolarização dos sujeitos é considerado um marco, pois, neste ponto, comumente, os alunos já aprenderam a ler e estão lendo para aprender.

PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; PASSOS, Marta. *Literatura e leitura literária na formação escolar: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

Este caderno tematiza a leitura literária, buscando mostrar que a literatura apresenta ao(à) leitor(a) interessantes possibilidades de participação, quando mediada pelo(a) professor(a), em situações que explorem com adequação os recursos da linguagem da ficção e da poesia.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Org.). *A escolarização a leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Neste texto, Magda Soares discorre sobre a escolarização da literatura infantojuvenil, considerando-a como a apropriação que a escola faz da literatura para atender seus objetivos formadores e educativos. Soares entende que esta escolarização é inevitável, porque é uma prática constitutiva da escola. Segundo ela, a questão fundamental é saber como desenvolver de modo adequado a inevitável escolarização da literatura.

VYGOTSKY, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

Esta é uma das principais obras de Lev S. Vygotsky. Foi publicada pela primeira vez em 1930. Nesse livro, Vygotsky aborda o desenvolvimento e a natureza da imaginação artística nas crianças, a partir dos conhecimentos científicos da sua época, mas com intuições que permitiram que a obra continue sendo referência para a psicologia contemporânea.

